



Ela tinha os olhos negros e faiscantes dos Blid, com sobran-
celhas finas e rectilíneas; deles era igualmente o contorno
saliente do nariz, o queixo firme e os lábios carnudos. Os sin-
gulares vincos ao canto da boca, dolorosamente sensuais, e os
desinquietos movimentos de cabeça, também os herdara dos
Blid, mas as faces eram pálidas, e o cabelo, suave como seda,
moldava-se, macio e brilhante, ao formato da cabeça.

Os Blid não eram assim; tinham cores entre o rosado e o
bronze. O cabelo era rebelde e crespo, pesado como uma juba;
além do mais, possuíam vozes cheias, profundas e moduladas,
nas quais se haviam distintamente ancorado tradições de famí-
lia em torno de tumultuosas caçadas, solenes cantos de matinas
e mil aventuras de amor.

Mas a voz dela era fraca, nada sonante.

Estou a descrevê-la tal como era aos dezassete anos; alguns
anos mais tarde, quando já estava casada, a voz possuía maior
amplitude, as cores da face haviam ganho vivacidade, mas os
olhos tornaram-se mais baços e, de certo modo, maiores e mais
negros.

Aos dezassete anos, era muito diferente dos seus irmãos,
e também não existia uma relação propriamente chegada
entre ela e os seus pais. Os Blid eram uma família mormente
prática que aceitava a vida tal qual era; faziam o seu trabalho,
dormiam o seu sono e nunca lhes ocorria exigir mais, nem
quaisquer diversões que fossem para além da festa da colheita
e de três ou quatro festejos natalícios. Não sentiam motivação



religiosa, mas, por outro lado, não tinham a veleidade de não dar a Deus o que é de Deus, tal como não deixariam de pagar os seus impostos; e, por isso, faziam as orações da noite, frequentavam a igreja nas festas solenes, cantavam os seus salmos na véspera de Natal e comungavam duas vezes por ano. Também não sentiam entusiasmo pelo saber e, no que diz respeito ao sentimento do belo, eram um tanto insensíveis a cantiguinhas sentimentais; e quando o Verão chegava e a relva se tornara densa e luxuriante nos prados e as espigas cresciam ondulando pelas vastas planícies, diziam amiúde entre si que estava um tempo lindo para darem um passeio pelo campo. Mas não eram naturezas especialmente poéticas — nem a beleza os inebriava, nem alimentavam quaisquer anseios indefinidos, nem tão-pouco sonhavam acordados.

Mas Bartholine era diferente; não nutria qualquer tipo de interesse por acontecimentos que se desenrolassem nos estábulos ou nos prados, nem qualquer interesse na vacaria ou no governo da casa — de espécie nenhuma.

Amava poemas.

Nos poemas vivia, neles sonhava, e quase acreditava mais neles do que em qualquer outra coisa.

Os pais e os irmãos, os vizinhos e os conhecidos nunca diziam uma palavra que valesse a pena escutar, pois os seus pensamentos de modo nenhum se erguiam acima da terra ou do trabalho que tivessem em mãos, tal como não desviavam os olhos das situações e circunstâncias que estivessem sob a sua supervisão.

Mas os poemas! Bem pelo contrário! Para ela, estavam repletos de pensamentos novos e de sabedoria profunda sobre a vida nesse mundo lá fora, onde o pesar é negro e a alegria é rubra, e cintilavam com imagens, orlando-se de espuma e de pérolas em cadências e rimas. De um modo geral, incidiam sobre jovens

meninas, e essas jovens eram nobres e belas, nem mesmo elas sabiam quanto; os seus corações e o seu amor eram maiores do que as riquezas do mundo inteiro; e os homens adulavam-nas, punham-nas nos píncaros, lá onde brilha o sol da fortuna, honravam-nas e adoravam-nas, ficavam felizes por partilhar com elas os seus pensamentos e planos, os seus triunfos e glórias, e, por acréscimo, ainda diziam que tinham sido essas afortunadas meninas quem lhes alimentara todos os planos, arrebatando todos os triunfos.

E porque não haveria ela própria de ser uma jovem como essas? Como são... sim, como são tão... e elas nem sequer o sabem! O que sei acerca de como eu própria sou? E os poetas diziam explicitamente que isso era a vida e que a vida não era costurar e fazer bainhas, cuidar da casa e fazer visitas patetas.

No fim de contas, em tudo isto nada havia que ela propriamente reservasse só para si, a não ser o impulso um pouco doentio para se sentir a si mesma, o desejo ardente de se encontrar a si mesma, como tantas vezes desperta numa menina jovem cujos dotes sejam um tanto acima do comum. Mas o pior era não se achar no seu círculo de amizades uma única natureza sobredotada que lhe pudesse ter oferecido uma espécie de medida para os seus dotes intelectuais; nem sequer se encontrava uma natureza congénere, e, por isso, ela acabou por se considerar a si mesma como algo de notável, ímpar, como um tipo de planta tropical que brotara sob um clima impiedoso e que agora só tinha força para desdobrar penosamente as suas folhas, ao passo que, sob o efeito de uma brisa mais quente, sob um sol mais forte, teria conseguido lançar caules erectos com uma radiosa floração prodigiosamente rica. Em sua opinião, era esta a sua verdadeira natureza, que ambientes propícios a levariam a alcançar, sonhando em mil sonhos com esses lugares soalheiros enquanto se consumia no anseio do

seu verdadeiro e rico eu, esquecendo o que está tão perto de ser esquecido — que mesmo os sonhos mais belos, mesmo os anseios mais profundos, não acrescentam uma só polegada à estatura do espírito humano.

Então, um belo dia, abeirou-se dela um pretendente.

Tratava-se do jovem Lyhne de Lønborggaard¹, o último varão de uma linhagem que em todas as três gerações havia pertencido aos maiores intelectuais da província. Como burgomestres, inspectores de finanças ou comissários reais, frequentemente agraciados com o título de Conselheiro de Justiça quando já em idade avançada, serviram o rei e a pátria com diligência e honradez. Nos seus dias de juventude, consolidados durante viagens de estudo pela França e pela Alemanha, judiciosamente planeadas e conscienciosamente concretizadas, os seus espíritos facilmente receptivos haviam-se enriquecido com os conhecimentos, o desfrute estético e as impressões de vida que os países estrangeiros em tão rica escala lhes ofereciam; e, depois, no regresso a casa, esses anos de exílio, por seu turno, não eram postos de lado entre memórias antigas, tal como alguém deixa de lado a lembrança de uma festa, uma vez apagada a última vela e extinto o último acorde. Não! A vida em casa construía-se sobre esses anos e, quanto aos interesses que então haviam despertado, não permitiam que se degradassem, antes eram alimentados e desenvolvidos recorrendo a todos os meios que estivessem à sua disposição; em casa dos Lyhne, notáveis gravuras, bronzes valiosos, obras de poetas alemães, matérias de direito francês e a filosofia francesa eram coisas do quotidiano e temas habituais.

¹ Grande propriedade a cerca de sete quilómetros da cidade de Lønborg na Jutlândia, na margem de um dos braços do fiorde de Ringkøbing. (N.T.)

No que diz respeito à maneira de ser, moviam-se com uma elegância de tempos idos e uma amabilidade distinta, muitas vezes produzindo um estranho contraste com a grosseira majestade e a inábil pompa dos seus pares. No discurso eram bastante torneados, aturadamente incisivos, embora com certa afectação retórica — isso era inegável —, o que, todavia, lhes assentava bem no porte grande e maciço, de testa alta e abobadada, com uma linha de cabelo bastante recuada, caracóis fartos, olhos luminosos e sorridentes, e narizes bem desenhados e um pouco aquilinos; mas a parte inferior dos seus rostos era demasiado pesada, as bocas demasiado largas, bem como os lábios, excessivamente grossos.

Ora, sendo estes traços exteriores menos evidentes no jovem Lyhne, do mesmo modo a inteligência nele como que se cansou, e as tarefas intelectuais ou desfrutes estéticos sérios que ele havia encontrado no seu caminho ficaram longe de lhe despertar qualquer espécie de zelo ou de atracção; em vez disso, empenhara-se com esforçado sentido do dever, que não se deixava abrandar por qualquer alegria ao sentir que as forças se punham em marcha, nem premiar por qualquer sentimento de orgulho próprio, caso fosse claramente bem-sucedido. A satisfação por lhe ser retirado esse fardo era toda a recompensa que recolhia.

A sua propriedade, Lønborggaard, coubera-lhe em herança pela morte recente de um tio paterno e, por isso, tendo regressado da tradicional viagem ao estrangeiro, queria ser ele a dirigir a exploração da lavoura; e, como agora os Blid eram os proprietários das terras contíguas e o tio havia mantido uma relação de proximidade com a família, foi visitá-los, viu Bartholine, e apaixonou-se por ela.

Ter-se ela apaixonado por ele foi quase uma consequência natural.